

Sexualidade e Relação de Gênero

2

Denise Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
CAPÍTULO 2	18
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
CAPÍTULO 3	27
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Thaís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
CAPÍTULO 4	43
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
CAPÍTULO 5	58
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
CAPÍTULO 6	73
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
CAPÍTULO 7	89
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
CAPÍTULO 8	99
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

CAPÍTULO 9	107
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916019	
CAPÍTULO 10	116
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.49019160110	
CAPÍTULO 11	125
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.49019160111	
CAPÍTULO 12	133
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.49019160112	
CAPÍTULO 13	142
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.49019160113	
CAPÍTULO 14	155
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
DOI 10.22533/at.ed.49019160114	
CAPÍTULO 15	169
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160115	

CAPÍTULO 16	177
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.49019160116	
CAPÍTULO 17	189
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160117	
CAPÍTULO 18	203
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160118	
CAPÍTULO 19	212
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
DOI 10.22533/at.ed.49019160119	
CAPÍTULO 20	230
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
DOI 10.22533/at.ed.49019160120	
CAPÍTULO 21	240
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160121	
CAPÍTULO 22	256
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.49019160122	

CAPÍTULO 23	266
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
CAPÍTULO 24	277
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
CAPÍTULO 25	289
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
CAPÍTULO 26	302
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
SOBRE A ORGANIZADORA	310

PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA

Paula Orchiucci Miura

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de
Psicologia
Maceió – Alagoas

Estefane Firmino de Oliveira Lima

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de
Psicologia
Maceió – Alagoas

Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de
Psicologia
Maceió – Alagoas

Ellen Borges Tenorio Galdino

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de
Psicologia
Maceió – Alagoas

Kedma Augusto Martiniano Santos

Universidade Federal de Alagoas, Instituto de
Psicologia
Maceió – Alagoas

RESUMO: A adolescência é um período da vida que se situa entre a infância e a adultez. A gravidez na adolescência é um assunto complexo que deve ser estudado considerando os aspectos sociais, culturais, econômicos, familiar e psicológico. O objetivo desta pesquisa foi identificar e analisar o significado da gravidez na adolescência

para os jovens nas produções acadêmicas nacionais e internacionais. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura internacional e nacional por meio dos bancos de dados Portal BVS, Science Direct, SciELO, Scopus e Capes, utilizando os descritores: meaning AND teenage pregnancy; meaning AND adolescent pregnancy; social representation AND teenage pregnancy; social representation AND adolescent pregnancy; representação social AND gravidez na adolescência; representação social AND adolescentes grávidas; significado AND gravidez na adolescência; e significado AND adolescentes grávidas. A análise qualitativa dos artigos foi feita segundo a análise de conteúdo de Bardin, e para análise quantitativa foi utilizado um instrumento de catalogação. A amostra final foi de 26 artigos. Observou-se que a maioria dos trabalhos era da área da enfermagem e psicologia e o país com mais publicações foi o Brasil (12 artigos), seguido dos Estados Unidos da América (6 artigos). Foram identificadas quatro categorias temáticas: (a) Desejo de engravidar; (b) Dificuldades e perdas advindas da gravidez; (c) Relações familiares vulneráveis; e (d) Não uso de anticoncepcionais. Conclui-se que tanto significados positivos (desenvolvimento da autonomia e responsabilidades) quanto negativos (abandono escolar, dificuldades

financeiras, adiamento de projetos de vida) foram atribuídos pelos jovens sobre a gravidez na adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez na adolescência; significado; revisão sistemática.

ABSTRACT: Adolescence is a period of life between childhood and adulthood. Adolescent pregnancy is a complex subject that must be studied considering social, cultural, economic, family and psychological aspects. Aim of this research was to identify and analyze the meaning of teenage pregnancy for young people in national and international academic productions. A systematic review of the international and national literature was made through databases Portal BVS, Science Direct, SciELO, Scopus and Capes using the descriptors: meaning AND teenage pregnancy; meaning AND adolescent pregnancy; social representation AND teenage pregnancy; social representation AND adolescent pregnancy; representação social AND gravidez na adolescência; representação social AND adolescentes grávidas; significado AND gravidez na adolescência; e significado AND adolescentes grávidas. The qualitative analysis of the articles was done according to the content analysis of Bardin, and for quantitative analysis a cataloging instrument was used. The final sample was 26 articles. It was observed that most of the works were in the area of nursing and psychology and the country with the most publications was Brazil (12 papers), followed by the United States (6 papers). Four thematic categories were identified: (a) Desire to become pregnant; (b) Difficulties and losses arising from pregnancy; (c) Vulnerable family relationships; and (d) Not using contraceptives. It was concluded that positive meanings (development of autonomy and responsibilities) as well as negative ones (school dropout, financial difficulties, postponement of life projects) were attributed by the youngsters about teenage pregnancy.

KEYWORDS: teenage pregnancy; meaning; systematic review.

1 | INTRODUÇÃO

Dados da United Nations Population Fund (UNFPA, 2018) mostraram que em 2017 a população mundial total era de 7,550 bilhões, os jovens entre 10-24 anos representavam cerca de 24% dessa população, ou seja, em todo o mundo, há pouco mais que 1,8 bilhão de jovens. No Brasil, a quantidade de jovens representa $\frac{1}{4}$ da população do país, cerca de 52,4 milhões. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), 26,8% da população sexualmente ativa (15-64 anos) iniciou sua vida sexual durante a adolescência, antes dos 15 anos e, a cada ano, cerca de 7,3 milhões de adolescentes menores de 18 anos dão à luz (UNFPA, 2017).

Dados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) (BRASIL, 2015) mostraram que em 2015 o número de nascidos vivos de mães entre 10 e 19 anos no Brasil foi de 547.564. A região do Brasil com maior número de filhos de mães adolescentes é o Nordeste, com um total de 180.360 e, em segundo lugar, o Sudeste, com 179,377; seguidos pelas regiões Norte (81.887), Sul (62.482) e Centro Oeste

(43.458).

A gravidez na adolescência é um assunto complexo que deve ser estudado, considerando aspectos sociais, culturais, econômicos, familiar e psicológico de cada adolescente. Inúmeras pesquisas tanto no âmbito internacional quanto nacional vem sendo realizada sobre essa temática, mas observa-se que o número de adolescentes grávidas, principalmente em países em desenvolvimento ainda é grande. A *World Health Organization* (WHO, 2014) aponta que uma gravidez precoce aumenta a chance de riscos para a mãe e seu recém-nascido, as complicações da gravidez e parto durante essa fase são a segunda causa de óbito entre adolescentes de 15 a 19 anos de idade em todo o mundo. Quanto mais jovem a mãe, maior o risco para ela e o bebê. Além disso, por volta de 3 milhões de abortos ocorrem anualmente de forma insegura, contribuindo para mortes maternas das jovens.

Em seus estudos, Araujo Silva et al. (2013) mostram alguns fatores que podem contribuir para a gravidez na adolescência tais como: a baixa escolaridade e abandono escolar; a idade precoce para o namoro e para a primeira relação sexual; ter um relacionamento amoroso duradouro; condições socioeconômicas precárias, entre elas morar próximo de zonas de prostituição, criminalidade e tráfico de drogas; falta de orientação sexual; dificuldade de acesso e o uso inadequado (ou não-uso) de métodos contraceptivos; baixa escolaridade dos pais e histórico materno de gravidez na adolescência; relações familiares conflituosas e influência do grupo de iguais.

Para Dias et al. (2013), a gravidez na adolescência “pode assumir diferentes significados para as jovens que as experiências, os fatores sociais, econômicos e culturais são aspectos que influenciam e ajudam a entender como a gestação é vivenciada por cada adolescente” (p. 91). Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar e analisar o significado da gravidez na adolescência para os jovens nas produções acadêmicas nacionais e internacionais.

2 | MÉTODO

Nesta pesquisa foi realizada uma revisão sistemática da literatura na língua portuguesa e inglesa sobre o(s) significado(s) da gravidez na adolescência para os jovens. A revisão sistemática é “uma revisão de uma pergunta claramente formulada que usa métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes; e coletar e analisar dados dos estudos incluídos na revisão” (THE COCHRANE COLLABORATION, 2005, p. 45).

Para tal investigação foram elaborados e definidos descritores equivalentes para a busca nacional e internacional, sendo esses, respectivamente: Representação social *AND* gravidez na adolescência, Representação social *AND* adolescentes grávidas, Significado *AND* gravidez na adolescência e Significado *AND* adolescentes grávidas; e Social representation *AND* teenage pregnancy, Social representation *AND*

adolescent pregnancy, Meaning *AND* teenage pregnancy e Meaning *AND* adolescent pregnancy. A pesquisa foi realizada nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal Regional da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), *PsycNET/PsychInfo*, *Scopus*, *Science Direct* e no Portal de Periódicos da CAPES.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: (a) artigos disponíveis na íntegra datados de 1996 até 2016; (b) estarem em língua inglesa ou portuguesa; e (c) apresentar o significado da gravidez na adolescência para jovens. Após a leitura *online* dos resumos de todos os artigos encontrados na busca inicial, aqueles que se enquadravam nos critérios de inclusão foram salvos em uma tabela *online* para posterior acesso e leitura na íntegra.

Para a análise quantitativa dos artigos selecionados das bases de dados *online* foi realizada catalogação da amostra com base nos seguintes aspectos: ano de publicação, área da revista científica, banco de dados e/ou descritor(es) onde foi encontrado, tipo de estudo, localização da pesquisa, participantes do estudo. A análise qualitativa se deu com base na literatura de Bardin (2011), sendo realizada análise de conteúdo e definida algumas categorias temáticas.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da busca inicial realizada, obteve-se um total de 1410 artigos em inglês e 92 artigos em português, sendo 1180 na Science Direct, 110 na BVS, 100 no CAPES, 80 na Scopus e 32 no SciELO. Após a leitura dos resumos e dos artigos na íntegra, a amostra final ficou composta com 26 artigos.

Pôde-se observar a seguinte distribuição temporal das 26 publicações, um artigo para cada um destes anos: 2000, 2002, 2003, 2006, 2009, 2007, 2013 e 2016; dois artigos nos anos 2012 e 2015; três artigos nos anos de 2008, 2011, 2014; e quatro artigos em 2010. Quanto aos locais dos estudos selecionados, observou-se doze publicações do Brasil, seis dos Estados Unidos da América, quatro da Inglaterra, sendo um destes também realizado nas Ilhas Caribenhas, um da África do Sul, um da República Dominicana, um do Canadá e um Romênia. As áreas de pesquisa foram principalmente: Enfermagem (13); Psicologia (7); Serviço Social (2); Medicina (2); Não identificado (2).

Sobre o método utilizado nas pesquisas, a maioria (16) utilizou de entrevistas, quatro utilizaram triangulação de instrumentos, dois aplicaram grupos focais, um questionário com questões fechadas, uma metanálise, uma etnografia. Quanto aos participantes das pesquisas, em todos os estudos participaram adolescentes do sexo feminino e apenas um com ambos sexos. Das participantes do sexo feminino, oito estudos foram realizados com adolescentes que já eram mães, nove com grávidas, dois com adolescentes não-grávidas e não-mães, três com grávidas e mães (sendo dois desses um estudo longitudinal, com as mesmas mães, estando grávidas e depois

do filho), um estudo foi realizado com jovens mães, um com adolescentes não grávidas e um com não-mães e mães. A faixa etária das participantes foi entre 10 a 24 anos, sendo principalmente composta por adolescentes de até 18 anos.

A análise qualitativa possibilitou identificar convergências entre os artigos, e a partir disso, elaborou-se as seguintes categorias temáticas: (a) desejo de engravidar; (b) dificuldades e perdas advindas da gravidez; (c) relações familiares vulneráveis; e (d) não uso de anticoncepcionais.

3.1 DESEJO DE ENGRAVIDAR

11 estudos observaram que o desejo de engravidar é expresso por várias adolescentes grávidas e seus parceiros, seja em gravidez planejada ou não, por diversos motivos. (MIDDLETON, 2011; HOGA, 2008; MONTGOMERY, 2002; MONTGOMERY, 2000; HARRISON, CLARKIN, WORTH; NORRIS, 2016; JORGE; FIÚZA; QUEIROZ, 2006; REED; MILLER; TIMM, 2011; ARAUJO; MANDÚ, 2015; SOUZA et al., 2012; BARRETO et al., 2011; DADOORIAN, 2003). Um dos motivos que parece mais atrelado ao desejo de engravidar tratava-se de ter um filho, isso pode-se relacionar com o desejo expresso por ter algo que pertençam a elas, neste caso, a criança. Dadoorian (2003) aponta para um desejo inconsciente de ter um filho, de reviver o desejo de completude e separação de carências afetivas.

Já o desejo sexual, desejo consciente de concretização de um projeto fantasiado de ter um filho é observado no estudo de Souza et al. (2012). Essa criança é, muitas vezes, vista de forma idealizada, como alguém que as adolescentes vão cuidar e amar para sempre, e também receber amor e cuidado em troca. Dando-lhes, assim, um sentimento positivo de ter alguém com quem contar, lhe fazer companhia e que pertença a elas. A gravidez nestes casos, é algo natural, um “próximo passo” a ser dado no relacionamento com os parceiros. No estudo de Barreto et al. (2011), a maioria das entrevistadas afirmaram desejo por engravidar.

Os estudos também apontaram a gravidez como meio de mudanças e de superação de problemas que enfrentavam antes da gravidez como, por exemplo, o uso de drogas (MIDDLETON, 2011; HOGA, 2008; MONTGOMERY, 2002; MONTGOMERY, 2000; ARAUJO; MANDÚ, 2015).

O desejo de engravidar relacionado ao desejo da adolescente ser valorizada e reconhecida como mãe e mulher, foi identificado em 17 artigos dentre os 26 selecionados. Deste modo, estes estudos pontuam o fato de que a maioria das adolescentes grávidas compreende a gravidez como uma forma de serem reconhecidas, validadas como mães e/ou mulheres. Para elas, engravidar e assumir o papel de mãe é o que irá fazer com que sejam reconhecidas pela comunidade em que vivem em um novo papel social e uma outra fase da vida, como mulheres adultas e responsáveis (SCAPPATICCI; BLAY, 2009; MONTGOMEY, 2002; MONTGOMERY, 2000; HOGA, 2008; MUSHWANA; MONARENG; RICHTER; MULLER, 2015; ROLFE, 2008; REED;

MILLER; TIMM, 2011; DIEZ; MISTRY, 2010; SMITHBATTLE, 2007; ARAUJO; MANDÚ, 2015; SALUSKY, 2013; SANTOS; MOTTA, 2014; BARRETO et al., 2011; RESTA et al., 2010; VARGENS et al., 2009; RANGEL; QUEIROZ, 2008; DADOORIAN, 2003).

Montgomery (2002) fala sobre como as adolescentes possuem um desejo de serem percebidas como adultas pelos outros. Segundo Santos e Motta (2014), as adolescentes observam a gravidez como um novo papel e status social que as tornam mais visíveis. Dessa forma, dentro do contexto que essas adolescentes estão, a gravidez e maternidade acabam sendo consideradas, de fato, a melhor forma delas serem consideradas adultas dentro das comunidades onde vivem (ROLFE, 2008). Segundo Pantoja (2003), “A maternidade nesse sentido constitui um reforço ao projeto de ascensão social, pois é a partir dela que os esforços passam a se concentrar na vontade de *ser alguém na vida* para garantir um futuro melhor aos filhos” (p. 342 grifo do autor)

As participantes de alguns estudos (BARRETO et al., 2011; RESTA et al., 2010; VARGENS et al., 2009) significam a gravidez como algo maravilhoso, bonito, uma transição de fase que requer amadurecimento, responsabilidade e mencionam desejarem ser vistas como mulheres e mães.

No estudo de Rangel e Queiroz (2008), as participantes com nível socioeconômico baixo observam que a gravidez é um poder de ser mulher e as participantes de nível socioeconômico alto ressaltam que há uma dificuldade de troca de papéis sociais de filha para mãe. No estudo de Dadoorian (2003), os resultados apontam que a gravidez precoce significa um teste da feminilidade, valorização social da maternidade e um rito de passagem.

De acordo com Taquette (2008), a gravidez na adolescência não caracteriza-se como uma descontinuação ou deserção de projetos de vida da adolescente. As jovens mães sentem-se com maior prestígio, ou seja, valorizadas diante da sociedade. Ainda segunda a autora, adolescentes que foram ouvidas pontuaram que às vezes a gravidez não havia sido planejada, contudo, era desejada inconscientemente, e em outros casos a gravidez chegava a ser planejada. Deste modo, a autora frisa que a gravidez desenvolve-se em função de envolvimento afetivo e é vista como positiva, pois assim a sexualidade juvenil pode ser posta em visibilidade, oportunizando certa autonomia aos adolescentes.

Observou-se também que o desejo de engravidar pode estar relacionado como uma forma de constituir sua própria família e desenvolver sua autonomia. 20 artigos abordam sobre a busca por uma liberdade e autonomia, uma emancipação dos pais ou mudança de vida e que para aquelas que vivem em situação de rua, violência intrafamiliar ou em instituições de acolhimentos, sair da casa dos pais para construir sua própria família parece ser a solução mais próxima para essa mudança (MONTGOMERY, 2002; MONTGOMEY, 2000; MANTOVANI; THOMAS, 2014; HOGA, 2008; ROLFE, 2008; JORGE; FIÚZA; QUEIROZ, 2006; ARAUJO; MANDÚ, 2015; REED; MILLER; TIMM, 2011; DIEZ; MISTRY, 2010; SALUSKY, 2013; PRYCE; SAMUELS,

2010; CLARKE, 2010; SMITHBATTLE, 2007; MIDDLETON, 2011; SANTOS; MOTTA, 2014; SOUZA et al., 2012; BARRETO et al., 2011; VARGENS et al., 2009; RANGEL; QUEIROZ, 2008; DADOORIAN, 2003). As jovens grávidas destes estudos veem, no geral, a gravidez como algo positivo, sendo muitas vezes, inclusive, planejada por si e seus/suas parceiros(as).

A construção de um novo núcleo familiar e de um sentido a vida é observado pelas participantes do estudo de Rangel e Queiroz (2008). Souza et al. (2012), Barreto et al. (2011) e Vargens et al. (2009) apontam que a gravidez precoce pode demonstrar um desejo de tornar-se maduras, ter sua própria casa, poder de decidir sobre sua vida, tornar-se responsável, independente, mulher e adulta. Os estudos de Santos e Motta (2014), Barreto et al. (2011) e Dadoorian (2003) apontam que a gravidez na adolescência é o projeto de vida de algumas jovens com intuito de constituir sua própria família. Barreto et al. (2011) e Dadoorian (2003) observam que os projetos de vida das participantes já grávidas são cuidar do filho, formar uma família, ser mãe e trabalhar. As participantes da pesquisa de Santos e Motta (2014) acreditam que o filho oportunizará tudo que elas não tiveram: amor, carinho, etc.; atribuem a nova constituição familiar uma transformação positiva de suas vidas.

A ideia de construir uma família é vista, principalmente por elas, como algo que possibilitará a sua independência, liberdade, sair da casa dos pais, resolvendo seus problemas e tendo sua própria família. Portanto, essa busca por autonomia e controle da própria vida através da construção de uma família possibilitaria uma melhora da qualidade de vida, uma forma de reduzir sofrimentos e experiências traumáticas vivenciadas anteriormente. De acordo com Patias et al. (2011), a maternidade “[...] pode ser planejada e representada como um projeto de vida, uma vez que permite a criação de um novo núcleo familiar” (p. 212).

3.2 DIFICULDADES E PERDAS ADVINDAS DA GRAVIDEZ

Embora na maior parte dos artigos as adolescentes tenham trazido a gravidez como algo positivo, em 15 artigos também são pontuadas as perdas e as dificuldades relacionadas à gravidez. Em 12 destes, as perdas são abordadas como vivenciadas e sentidas pelas adolescentes grávidas, enquanto em seis relacionam-se ao medo sentido na gravidez e os outros seis abordam o aborto.

Uma das principais perdas apresentadas é a relacionada ao abandono dos estudos e dificuldades financeiras ou oportunidades de carreira/emprego (SIMIGIU, 2014; PRYCE; SAMUELS, 2010; SALUSKY, 2013; RESTA et al, 2010; BARRETO et al., 2011; SANTOS; MOTTA, 2014). Pryce e Samuels (2010) pontuam as perdas relacionadas aos objetivos e sonhos das adolescentes, como ir para a faculdade, estudar fora do país, etc. Outra perda também advinda da gravidez seria a mudança de vida no âmbito da diversão, estas jovens grávidas dizem que já não é possível se divertir, não

podem mais sair para festas, por exemplo, porque possuem responsabilidades com a criança (SIMIGIU, 2014; ROLFE, 2008; ARAUJO; MANDÚ, 2015; RESTA et al, 2010; BARRETO et al., 2011).

Essas adolescentes grávidas, especialmente de baixa renda, apresentam por vezes angústias, medo e reconhecem diversas repercussões da gestação no cotidiano: perda de proteção, medo de assumir essa nova conquista e perder o lugar de ser filha, perdas do parceiro, do apoio da família, assim como atrapalha os estudos, interrompe os projetos de vida, pode possibilitar a perda da identidade e do grupo de pertença, pararem de estudar, críticas com relação à gravidez, entre outras perdas (SOUZA et al., 2012; VARGENS et al., 2009 e DADOORIAN, 2003). Em um estudo realizado com adolescentes não grávidas, nível socioeconômico alto, a gravidez na adolescência é considerado como algo inadequado, fora da hora, precipitado, pois para estes participantes a adolescente que engravida tem sobrecarga financeira, comprometimento com o futuro e com as relações (RANGEL; QUEIROZ, 2008). Já as adolescentes grávidas de nível socioeconômico baixo, do estudo de Soldera (2012), acreditam que a gravidez traz mudanças para suas vidas, mesmo não conseguindo identificar quais.

O medo abordado pelas adolescentes relaciona-se aos enfrentados ao descobrir a gravidez ou lidar com ela (SALUSKY, 2013; MANTOVANI; THOMAS, 2014; JORGE; FIPIZA; QUEIROZ, 2006; SOLDERA, 2012; BARRETO et al., 2011; VARGENS et al., 2009). No artigo de Soldera (2012), as participantes relataram no início da gestação uma sensação estranha e medo frente à gravidez. O principal motivo é que ao descobrir a gravidez não sabem como reagir, e ficam, principalmente, com medo de contar para os pais. Elas pontuam o fato de ser muito difícil contar para as pessoas, por acharem que não vão ser mais aceitas pela família ou cuidadores. Também é relatada a vergonha de falar que está grávida para os amigos, e o medo de como vai ser o futuro. Já a pesquisa de Vargens et al. (2009) aponta ainda uma angústia vivenciada pelo medo de perder a proteção dos pais, medo de assumir essa nova conquista e perder o lugar de ser filha.

O aborto, no entanto, nem sempre é realizado e nem sempre é uma ideia que parte das grávidas. Muitas rejeitam a realização de aborto que é sugerida por outras pessoas (MANTOVANI; THOMAS, 2014; SIMIGIU, 2014; SALUSKY, 2013; CLARKE, 2010; BARRETO et al., 2011; e DADOORIAN, 2003). Mantovani e Thomas (2014) trazem alguns casos onde as ideias de abortar, muitas vezes, partem dos parceiros, parentes e profissionais, de forma a tentar persuadi-las a realizar um aborto ilegalmente. Na pesquisa de Simigiu (2014) e realizado com adolescentes do sexo feminino que nunca estiveram grávidas, elas comentam ainda que caso engravidassem ficariam tristes e desesperadas e optariam por abortar o feto como solução para uma suposta gravidez não planejada, por medo dos pais ou ainda considerarem este ato um pecado. Enquanto aquelas que já realizaram aborto, segundo Clarke (2010), sentem culpa e remorso, e tentam engravidar o mais rápido possível de novo, a fim de substituir

essa perda. Nos estudos de Barreto et al. (2011) foi observado as adolescentes que possuíam criação religiosa pensavam menos em aborto. A crença religiosa como um fator cultural relacionado à gravidez na adolescência e a valorização da gestação também é apontado no estudo de Rangel e Queiroz (2008), no qual as participantes apontam a gravidez como uma benção divina.

3.3 RELAÇÕES FAMILIARES VULNERÁVEIS

O número de adolescentes, e principalmente grávidas, em situações de vulnerabilidade dentro da família é grande. 11 artigos de 26 mostram o fato de que muitos dos casos de gravidez na adolescência aconteciam com meninas que vinham de uma família disfuncional, onde sofriam abusos, violência, negligência, assédios e abandono (SCAPPATICCI; BLAY, 2009; MUSHWANA et al., 2015; JORGE; FIÚZA; QUEIROZ, 2006; MONTGOMERY, 2000; MONTGOMERY, 2002; MANTOVANI; THOMAS, 2014; SIMIGIU, 2014; HOGA, 2008; SALUSKY, 2013; PRYCE; SAMUELS, 2010; MIDDLETON, 2011). Muitas das meninas grávidas participantes viviam nas ruas, passavam por muitas mudanças, e não tinham apoio dos pais. Nos estudos de Mantovani e Thomas (2014) é feito uma pesquisa com meninas grávidas em situação de vulnerabilidade, algumas delas não planejavam engravidar e parte das jovens tinham engravidado através de estupros sofridos pelos próprios familiares. Outras diziam não ter família, se sentirem sozinhas, abandonadas, e sem ninguém com quem pudessem contar para falar sobre a gravidez, para lhes dar apoio, nem mesmo os parceiros.

Alguns artigos apontam como é marcante, para os adolescentes, o fato de que não receberam apoio familiar, seja no âmbito físico e/ou emocional. Scappaticci e Blay (2009) verificam que as consequências disso pode até mesmo resultar em adolescentes vivendo nas ruas, procurando melhores condições e formas de serem acolhidos. Algumas pessoas desse estudo haviam também sofrido abuso sexual ou outras formas de violência, e relatam que sentindo que são incapazes de conseguir suporte familiar, as jovens mães acabam sentindo-se sozinhas, e em uma busca eterna por suporte.

De forma similar, Hoga (2008) pontua sobre como esses problemas familiares acabam influenciando, visto que suas participantes demonstram que a gravidez era uma forma de buscar solução para escapar de problemas familiares e violências provocadas por padrastos, madrastas, etc. Além disso, a falta de independência financeira também afeta essas jovens, que segundo a autora, sentem-se incapazes de lidar com as dificuldades financeiras.

Outro fator importante para se pensar o engravidar na adolescência decorre de uma repetição do histórico gestacional da família do adolescente, ou seja, na

maioria das vezes, os pais da jovem engravidaram também durante esta fase da vida (PERSONA; SHIMO, TARALLO, 2004).

A confiabilidade e proteção da família para com o adolescente durante a gravidez pode implicar em perdas, visto que algumas famílias posicionam-se não aceitando a gravidez do filho(a) adolescente. Estas famílias que mostram-se não receptivas a gravidez do(a) filho(a) tendem a ser, em sua maioria, famílias de classe média, pois estas possuem planos distintos para sua prole, ou seja, uma melhor escolarização e profissionalização (MOREIRA et al. 2008).

3.4 NÃO USO DE ANTICONCEPCIONAIS

Um dos temas abordados nos artigos (6) foi também o não uso de anticoncepcionais. Os motivos dados pelos adolescentes quanto ao não uso de anticoncepcionais são diversos: falta de informação; dificuldade de acesso; proibição do uso de pílula pelo parceiro (DADOORIAN, 2003; SOUZA et al., 2012; BARRETO et al., 2011; HOGA, 2008; MUSHWANA et al., 2015; SIMIGIU, 2014); não conversa sobre isso com o parceiro; decisão do não uso pelo casal de namorados; falta de dinheiro para comprar e; a ignorância quanto a possibilidade de engravidar (SOUZA et al., 2012; HOGA, 2008). Diferentemente disso, o estudo de Dadoorian (2003) observou que as jovens optaram por não utilizar anticoncepcionais, mesmo tendo conhecimento sobre prevenção da gravidez e acesso à consultas ginecológicas.

De acordo com Mendes et al (2011), “a não preocupação” dos adolescentes quanto a possibilidade de engravidar pode ter relação com o fato das relações dos adolescentes serem eventuais, como também uma iniciação na vida sexual precocemente. Pois, segundo os referidos autores, quanto mais antecipado for a vida sexual ativa desta população, menores são as chances que estes fazem uso de métodos contraceptivos, e desta feita, ocorrem chances de uma gravidez na adolescência.

Segundo Brandão (2009), o efeito que os métodos contraceptivos hormonais causam nas adolescentes propicia que estas considerem o uso ininterrupto do anticoncepcional. Visto que, o aumento de espinhas, ganho de peso, alterações de humor e enjoos são alguns desses efeitos colaterais. E assim, estas questões provenientes do uso da pílula pode contribuir para uma descontinuidade ou abandono do método contraceptivo.

4 | CONCLUSÕES

Neste estudo realizou-se uma revisão sistemática de literatura nacional e internacional no período de 1996-2016 a fim de analisar os possíveis significados atribuídos por adolescentes sobre a gravidez nessa fase. Observou-se que a maior parte das pesquisas foi na área da Enfermagem e Psicologia, no entanto, outras

áreas como Serviço Social e Medicina também demonstram interesse pelo assunto. O Brasil, seguido pelos Estados Unidos da América e Inglaterra foram os locais com maior quantidade de estudos, demonstrando um déficit de pesquisas que contemplem outras regiões e países.

Diversos problemas associado à família, cultura e sociedade permeiam o fenômeno de gravidez na adolescência, e é possível, através deste estudo, verificar a alta quantidade de adolescentes em situações de vulnerabilidade familiar. A maternidade, inclusive, é por vezes vista pelas adolescentes como uma forma de lidar com perdas, traumas, problemas familiares, etc. Para muitas jovens que crescem com o impacto que essas dificuldades causam, a gravidez acaba por ser uma forma de se sentirem mais adultas, independentes e aceitas dentro das comunidades que vivem. Ainda, em muitos casos, engravidar é uma escolha feita conscientemente pelos adolescentes, e diferente do que pode-se supor sobre esse fenômeno, nem sempre ocorre por falta de educação ou objetivos de vida, mas sim porque as adolescentes mães demonstram apenas obter uma referência diferente de qual rumo dar às suas vidas, embora isso ocorra muitas vezes de forma idealizada. Dessa forma, os significados atribuídos a gravidez na adolescência pelos adolescentes perpassam tanto pelos aspectos positivos (como a independência, mudança de comportamentos, responsabilidades) quanto os negativos que surgem a partir dela (abandono escolar, dificuldades financeiras, adiamento de projetos de vida, etc).

No que se refere à amostra dos estudos, as adolescentes do sexo feminino, grávidas e mães foram as principais participantes das pesquisas. Evidenciando assim, a falta de estudos com, principalmente, adolescentes do sexo masculino, que pouco aparecem entre os artigos analisados. A amostra analisada é limitada, pois a maioria das participantes eram de uma classe socioeconômica baixa, não sendo possível, portanto, compreender os significados atribuídos por adolescentes de classes socioeconômicas altas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, N. B. de; MANDÚ, E. N. T.. Social Construction Of Meanings About Pregnancy-Motherhood Among Adolescents. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, n. 4, p. 1139-1147, 2015.

ARAUJO SILVA, A. C.; ANDRADE, M. S.; SOUZA DA SILVA, R.; EVANGELISTA, T. J.; BITTENCOURT, I. S.; PAIXÃO, G. P. do N. Fatores de risco que contribuem para a ocorrência da gravidez na adolescência: revisão integrativa da literatura. **Revista Cuidarte**, v. 4, n. 1, dec. 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo** (1st ed.). São Paulo: Edições, 2011.

BARRETO, M. M. M., MARRAFA, M., TOSOLI, A. M. G., OLIVEIRA, D. C., MARQUES, S. C. & PERES, E. M. Representação social da gravidez na adolescência para adolescentes grávidas. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 12, n. 2, p. 384-392, 2011.

BRANDÃO, E. R. Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. **Ciência saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1063-1071, 2009.

BRASIL. **Brasil acelera a redução de gravidez na adolescência**, 2010. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/default.cfm?pg=dspDetalheNoticia&id_area=124&CO_NOTICIA=11137. Acesso em 01 de junho de 2012.

_____. Ministério da Saúde. **Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos**, 2015. Disponível em <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>> Acesso em 1 set. 2017.

CLARKE, J. Repeat teenage pregnancy in two cultures—the meanings ascribed by teenagers. **Children & Society**, v. 24, n. 3, p. 188-199, 2010.

DADOORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 23(1), 84-91, 2003.

DIAS, A. C. G.; JAGER, M. E.; PATIAS, N. D.; OLIVEIRA, C. T. de. Maternidade e casamento: o que pensam as adolescentes? **Interacções** n. 25, p. 90-112, 2013.

DIEZ, V.; MISTRY, J. Early childbearing and educational attainment among mainland Puerto Rican teens. **Journal of Adolescent Research**, v. 25, n. 5, p. 690-715, 2010.

HARRISON, M. E.; CLARKIN, C.; WORTH, K.; NORRIS, M. L.; ROHDE, K. But we're not like the people on TV: A qualitative examination of how media messages are perceived by pregnant and parenting youth. **Maternal and child health journal**, v. 20, n. 3, p. 684-692, 2016.

HOGA, L. A.K.. Adolescent maternity in a low income community: experiences revealed by oral history. **Revistalatio-americana de enfermagem**, v. 16, n. 2, p. 280-286, 2008.

JORGE, M. S. B.; FIÚZA, G. V.; QUEIROZ, M. V.O..Existential phenomenology as a possibility to understand pregnancy experiences in teenagers. **Revistalatio-americana de enfermagem**, v. 14, n. 6, p. 907-914, 2006.

LIMA, C. T. B.; FELICIANO, K. V. O.; CARVALHO, M. F. S.; SOUZA, A. P. P.; MENABÓ, J. B. C.; RAMOS, L. S.; CASSUNDÉ, L. F.; & KOVACS, M. H. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. **Revista Brasileira de Saúde Materno-infantil**, v. 4, n. 1, p. 71-83, 2004.

MANTOVANI, N.; THOMAS, H.. Choosing motherhood: The complexities of pregnancy decision-making among young black women 'looked after' by the State. **Midwifery**, v. 30, n. 3, p. e72-e78, 2014.

MENDES, S. S. et al . Saberes e atitudes dos adolescentes frente à contracepção. *Rev. paul. pediatr.*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 385-391, 2011.

MIDDLETON, S. 'I Wouldn't Change Having the Children—Not at All.'Young Women's Narratives of Maternal Timing: What the UK's Teenage Pregnancy Strategy Hasn't Heard. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 8, n. 3, p. 227, 2011.

MOREIRA, T.; VIANA, D.; QUEIROZ, M.; JORGE, M. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 312-320, 2008.

MONTGOMERY, K.S. Creating consistency and control out of chaos: a qualitative view of planned pregnancy during adolescence. **The Journal of perinatal education**, v. 9, n. 4, p. 7, 2000.

_____. Planned adolescent pregnancy: What they wanted. **Journal of Pediatric Health Care**, v. 16, n. 6, p. 282-289, 2002.

- MUSHWANA, L.; MONARENG, L.; RICHTER, S.; MULLER, H.. Factors influencing the adolescent pregnancy rate in the greater Giyani Municipality, Limpopo Province–South Africa. **International Journal of Africa Nursing Sciences**, v. 2, p. 10-18, 2015.
- OLIVEIRA, M. W. de. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 45, p. 48-70, 1998.
- PANTOJA, A. L. N. “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n 2, p. 335-S343, 2003.
- PATIAS, N. D.; JAGER, M. E.; FIORIN, P. C.; DIAS, A. C. G. Construção Histórico-Social Da Adolescência: Implicação na Percepção da Gravidez na Adolescência Como um Problema. **Contexto & Saúde**, v. 10 n. 20, 2011.
- PERSONA, L.; SHIMO, A. K. K.; TARALLO, M. C. RERFIL DE PERFIL DE Adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 12, n. 5, p. 745-50, 2004.
- PRYCE, J. M.; SAMUELS, G. M..Renewal and risk: The dual experience of young motherhood and aging out of the child welfare system. **Journal of Adolescent Research**, v. 25, n. 2, p. 205-230, 2010.
- RANGEL, D. L. O. & QUEIROZ, A. B. A. (2008). A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa de vida. **Esc. Anna Nery Ver. Enferm.**, v. 12, n. 4, p. 780-88, 2008.
- REED, S. J.; MILLER, R. L.; TIMM, T. Identity and agency: The meaning and value of pregnancy for young black lesbians. **Psychology of Women Quarterly**, v. 35, n. 4, p. 571-581, 2011.
- RESTA, Z. D. G.; Marqui, A. B. T; Colomé, I. C. S.; Jahn A. C.; Eisen C.; Hesler L. Z.; & Zano, T. Maternidade na adolescência: significado e implicações. **Rev. Min. Enferm.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 68-74, 2010.
- ROLFE, A. ‘You’ve got to grow up when you’ve got a kid’: Marginalized young women’s accounts of motherhood. **Journal of community & applied social psychology**, v. 18, n. 4, p. 299-314, 2008.
- SALUSKY, I. The meaning of motherhood: Adolescent childbearing and its significance for poor Dominican females of Haitian descent. **Journal of Adolescent Research**, v. 28, n. 5, p. 591-614, 2013.
- SANTOS, K. D. & MOTTA, I. F. O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. **Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. 3, n. 4, p. 517-525, 2014.
- SCAPPATICCI, A.L. S.; BLAY, S. L. Homeless teen mothers: Social and psychological aspects. **Journal of Public Health**, v. 17, n. 1, p. 19, 2009.
- SIMIGIU, A. Investigating the views of civil society on early pregnancy through the focus group method. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 127, p. 219-224, 2014.
- SMITHBATTLE, L. “I wanna have a good future”: Teen mothers’ rise in educational aspirations, competing demands, and limited school support. **Youth & Society**, v. 38, n. 3, p. 348-371, 2007.
- SOLDERA, N. F., RANGEL, R. F., COSTENARO, R. G. S., RODRIGUES, A. T. & ROSO, C. C. (2012). Significado de ser mãe para adolescentes grávidas. **R. pesq.:cuid. fundam. online**, v. 4, n. 3, p. 2548-53, 2012.
- SOUZA, A. X. A., NÓBREGA, S. M. & COUTINHO, M. P. L. Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a gravidez na adolescência. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 588-596, 2012.

TAQUETTE, S. R. Sobre a gravidez na adolescência. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 23-26, 2008.

THE COCHRANE COLLABORATION. **Glossary of Terms in The Cochrane Collaboration**, 2005.

UNFPA. **Worlds Apart: Reproductive health and rights in an age of inequality**. New York: UNFPA, 2017. Disponível em: <<http://www.unfpa.org/publications/state-world-population-2017>> Acesso em: 18 jul 2017

UNFPA. **World Population Dashboard**. Disponível em <<http://www.unfpa.org/data/world-population-dashboard>> Acesso em 18 go 2018.

VARGENS, O. M. C., ADÃO, C. F. & PROGIANTI, J. M. Adolescência: uma análise da decisão pela gravidez. **Rev. Min. Enferm.**, v. 13, n. 1, p. 107-114, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Adolescentpregnancy**. WHO, 2014. Disponível em <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs364/en/> >

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490